

mudar  
a



publicação do graal

Publicação Trimestral — 50\$00

- um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo
- um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade
- um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos



# VALORES E CONTRA-VALORES

(1)

## A ORIGEM DOS VALORES

*Era uma vez esta cidade monótona dos mortais. Tudo reluzente, de um brilho sem luz. Mas eis que os tempos mudaram e começou a cair, miudinha, a violência, a violência que chove quotidiana.*

*Molhados até ao osso, que levávamos de inventar para não voltarmos ao medo antigo?: o guarda-chuva!*

*Pois bem, esses guarda-chuvas são os valores, e «se a imagem vale mais do que as palavras», como se diz num conhecido aforismo oriental, permitam-me lembrar uma outra imagem, a da fábula*

*de Fedro: «a rã que quis ser boi».*

*Todos imaginamos a rã, a inchar, pretendendo atingir o tamanho do boi, sob o olhar cúmplice das outras rãs, que a aplaudem e ao mesmo tempo suspiram que ela rã será capaz.*

*É esta imagem do entre duas dimensões que o valor pretende preencher. Entre o ser e o parecer, todo o meio dialéctico, toda a mediação, procura salvar as aparências, analogar o real, permitindo as escalas infindas de uma hierarquia, entre a Terra e o Céu.*

## UMA FALSA QUESTÃO

Na minha perspectiva, a questão dos valores aparece como muito recente, estratégica, racionalista, post kantiana e tipicamente ocidental. Não se encontram «valores» em nenhuma outra cultura. A própria formulação do problema do valor tem uma raiz económica — entendida a economia como ramo típico e atitude típica ocidental.

Aquilo que nós muitas vezes fazemos é tornar extensivo e amplificar ou dilatar o conceito de valor, englobando nele coisas que têm estruturas e características completamente diferentes. É o caso dos símbolos, dos mitos, ou inclusivamente, das reflexões metafísicas características das estruturas do conhecimento sapiencial.

Não encontramos valores, no Evangelho. Encontramos **bem-aventuranças**. Encontramos **bênçãos**. Os an-

tigos quando reflectem sobre a moral nunca falam de valores. Falam de **virtude**, o que é, do meu ponto de vista, completamente diferente.

Com a escolástica e a neoescolástica, essa perspectiva mantém-se. S. Tomás disse: «Não há nada que possa dizer-se valioso se o não for». É o primado do metafísico: o primado do **ser**. É o **ser** que tem valor.

Com o pensamento moderno dá-se uma substituição. Já não se procura atingir a realidade em si mesma. Isto é: o comportamento humano passa a guiar-se, quase exclusivamente, por princípios, por regras, de uma **razão prática**, imperativa. A formulação última desse imperativo é o «céu médio» ou, se quisermos, a «metereologia» dos valores. A ideia de valor funciona como um «guarda-chuva», para nos proteger.

A nível filosófico, as axiologias têm hoje pouco crédito. De um modo geral, pensa-se que o conceito de

valor está datado. Foi uma vaga que teve o seu ponto alto em finais do século XIX. Com a crítica fenomenológica, com o pensamento existencial, e, antecipadamente, com o próprio Nietzsche, esse pensamento, esse projecto filosófico desaparece. Surgem então novas posições — umas associadas à ética pura, outras à tentativa de uma ética social fundada em princípios de responsabilização colectiva.

O que acontece é que normalmente há uma certa «décalage» temporal entre uma reflexão filosófica mais erudita, mais académica, e a sua divulgação para o grande público. É interessante verificar que, hoje, os meios de informação, a generalidade das pessoas usam e abusam da **palavra valores**: toda a gente fala em nome da «defesa de valores»...

Já não há coragem de falar do **ser**, mas de «valores» continua a falar-se. Até porque os valores são como que um espelho daquilo que se passa na nossa sociedade: o sentido comercial, o «comercialismo» de todas as coisas. Não se sai deste ciclo de aparências. A fundação do valor é fundação de aparências, e é-o de uma forma tirânica.

Por isso é tão difícil **denunciar** os valores: valores religiosos ou valores morais, por exemplo. Se parecem bons, por que pô-los em causa? Quem tem a coragem de o fazer?

Não encontramos o mesmo em outras civilizações. No Hinduísmo ou no Extremo-Oriente, encontramos um outro sentido: o sentido do **jogo**, da permutação. **As coisas são**. Não têm que ser julgadas, não têm que ser analisadas.

É essa também a posição do Evangelho: «**não julgais**». É claro que, na tradição cristã há, depois, tentativas várias de definição valoral; mas **contra**, contra o preceito evangélico primordial.

Em meu entender, a questão da moral cristã é uma falsa questão. Reduzir o cristianismo ao nível da moral, centrá-lo na axiologia, é perder a dimensão da aventura do espírito: «**Espírito que sopra, quando quer e como quer**».

## PENSAR O NOVO

*«A ordem, dizia o meu pai, sou eu que a fundo. Mas não segundo a simplicidade e a economia, porque não se trata de ganhar tempo.*

*Que me importa conhecer se os homens se hão-de tornar mais gordos, construindo celeiros, em lugar de templos, ou aquedutos em lugar de instrumentos de música? (...)*

*O que me importa é conhecer de que homem verdadeiramente se trata. Aquele que me interessa é justamente o que tiver banhado muito tempo no tempo perdido do templo e tiver exercitado o seu coração, pelo amor, no exerdício da oração.»*

Parecerá nada haver de menos actual do que este texto de St. Exupéry, pois nele se apela para o **permanente** e para o que se opõe ao abstracto interesse, à rápida eficácia da economia humana.

Trata-se, não da condição dramática do homem — afunilado na ampulheta do destino, querendo ganhar grãos de tempo à custa de uma fragmentação e aceleração do momento —, mas de **psimar** face ao imenso, ao ignorado, de uma ordem que ritma para além de si própria.

Face ao drama da vida, na inquietude primeira essencial, em que se pretende fazer permanecer o **mesmo** ou em que se permuta de segurança em segurança, medindo sempre o mínimo risco, surge, persistente, no Ocidente, este desejo tão consistentemente humano quanto mesquinho: a «*aurea mediocritas*», a mediocridade.

E, seja na forma idealizada horaciana, seja na mediocridade massiva de uma cultura moderna **sem risco de ser**, toda ela pautada por um secular humanismo, constrói-se, lado a lado com a natureza ou mesmo «*contra natura*» a cultura de um mundo dessacralizado, rebatimento do animal metafísico pela razão lógica, prioritária, do pão e do trabalho. A cultura contemporânea estremece-se ao **pensar**.

Há um equívoco fundamental na reflexão filosófica que é o de supor que os problemas vivenciais podem ser resolvidos racionalmente.

A razão está indefectivelmente ligada ao tempo. Isto é: **pensa sempre o que é** — em função do que foi. Logo, não pode coincidir, nem pode pensar o novo.

Pensar o novo requer uma intuição, uma intelecção (understanding) e não uma compreensão racional do real (reason). Porque a razão reduz sempre o novo aos paradigmas do já sido. É sempre mnésica. É sempre de «*si quis inquit*». Não queremos nada de novo. E é tanto assim que, no dizer de Krishnamuti, «eu não vejo a árvore, vejo a imagem da árvore que tenho na cabeça». Vejo aquilo que a cultura me deu. Vejo aquilo que os outros me ensinaram a ver. Vejo, de certo modo, as teias do meu próprio medo.

É a grande dificuldade de atendermos ao que é verdadeiramente o real. O que vivemos realmente? Temos muitas opiniões, muitas expectativas, pensamos isto ou aquilo, mas quase tudo isso é pura construção, porque não acordámos, minimamente, para o essencial.

Qual é a questão essencial da nossa vida? É este o verdadeiro problema e esse nada tem a ver com os valores. Os valores são, efectivamente, mais uma forma de vestir e de velar o essencial.

Comer um prato de sopa é comer um prato de sopa. Não há que pensar nisso. Há que sentir isso; e sentir isso, por mais banal que possa parecer esse gesto, é algo de profundamente misterioso: **sentir as coisas**.

Fernando Pessoa teve experiências profundas desta dimensão e por isso não fabricou literatura: contou experiências. Experimentamos as coisas e aí descobrimos a esperança. Ai se revela o Amor, o Amor na sua dimensão mais funda e criativa. É uma coisa maravilhosa, nova a cada momento, só que muitas vezes não o vemos, porque temos valores.

As vezes, em dias de luz perfeita e exacta,  
Em que as coisas têm toda a realidade

[que podem ter,

Pergunto a mim próprio devagar  
Porque sequer atribuo eu  
Beleza às coisas.

Uma flor acaso tem beleza?  
Tem beleza acaso um fruto?

Não: têm cor e forma  
E existência apenas.

A beleza é o nome de qualquer coisa

[que não existe

Que eu dou às coisas em troca do agrado

[que me dão.

Alberto Caeiro,  
in Poemas, Ática, 1979



## UMA OUTRA INTELIGENCIA

Não é difícil pressentir por detrás do chamado progresso da civilização ocidental e do seu correspondente humanismo culturalista, certas formas subjectivas generalizadas de exorcizar o medo face ao desconhecido.

A horizontalização dos processos da cultura moderna e a cristalização histórica de uma suposta maturidade e desenvolvimento do homem, subvertem, a breve trecho, o que é no que há-de ser; o que deve ser no que tem de ser. Numa palavra, transformam o medo em violência. Não é já a agressividade animal, primitiva, de que fala Konrad Lorenz. Não é também a glosa da ira sagrada dos deuses da tragédia grega. É, outrossim, a eclosão da **violência mental**, entendida desde as formas mais evidentes da moderna ciência da guerra, da competição técnica e económica, até às formas aparentemente benígnas da violência desportiva, do eufemismo da defesa e, enfim, do próprio ideal de segurança.

Na estrutura do pensamento mítico, como nas antigas tradições, sapienciais e religiosas, existia outra coisa: existia uma pedagogia que não deixava os homens com estes medos infantis e os preparava antes para o **mistério**, tremendo e fascinante. Na perspectiva antiga, a **praxis** é sempre subordinada à visão contemplativa, que a orienta e constitui.

Vejam, em contraste, o arrazoado típico da racionalidade ocidental: discute-se, sem fim, reforma após reforma, a necessidade de uma **nova moral**, pois a ciência progride, a civilização e as técnicas evoluem, e parece haver um crónico atraso do instrumento de reflexão moral em relação aos novos «sinais dos tempos».

No entanto, o que se verifica é que as morais cobrem, uma após outra, mais o inevitável e o escandaloso desta situação, do que são capazes de alterar o que quer que seja. Mesmo quando se exprimem pelo desacerto e denunciam a «crise dos valores» são ainda, e subtilmente, a maneira mesma de, pela negativa, fazerem persistir modelos ultrapassados.

De Nietzsche à psicanálise, a denúncia está feita desta dialética do valor e do anti-valor, do que se deseja e do que causa repugnância. Não vamos por

isso retomar aqui esta argumentação, bastando lembrar, com Nietzsche, que o ciclo periférico do valor envolve as suas próprias denegações: um pouco como se se ironizasse o pensamento de S. Paulo, segundo o qual «sem lei não há pecado».

É que a vida é bem mais complexa e importante do que o **valor** ou os **valores** com que a pensamos, já que não temos olhos para ver, com uma outra inteligência, não só conceptual, a própria vida.

Ao caminho da realização virtuosa e sapiencial do homem, a filosofia dos valores veio substituir **uma moral para todos e de ninguém**, limitando-se a apontar para normas sociais de uma vida racional.

## O FIM DE UM CICLO

Para caracterizarmos, muito brevemente, a situação actual, talvez fosse útil irmos buscar aos anos do começo do século, de 1916-1918, as palavras de um daqueles homens que, por pensarem fundo e essencialmente, transcendem a efemeridade do tempo: Sri Aurobindo. Diz ele:

*Os filhos da cultura não venceram totalmente, mas desembaraçaram-se do velho Golias e substituíram-no por um novo gigante. É o homem sensacional, que acordou para a necessidade de fazer e que tenta ser ou estar mentalmente activo. É açoitado, é admoestado, é educado, para desenvolver em si esta actividade e, além disso, vive num turbilhão de informações novas, de movimentos novos, aos quais não pode permanecer, obstinadamente, impermeável. Abriu-se às ideias novas e é capaz de se servir delas e de as ostentar à sua volta.*

É este homem médio — ontem o sindicalista, hoje o tecnocrata; ontem contra a emancipação da mulher, hoje o feminista — que nos surge como paradigma do espírito comercial, pois trouxe o comércio ao campo do pensamento, da arte, da literatura, da cultura como diversão, como valor de posse, ou como capricho democratizado.

Dir-se-ia que hoje os contra-valores destes «novos

bárbaros», como lhes chamou Toynbee, não são tanto os da ideologia, do preconceito, do ateísmo, do materialismo, mas outros menores, ficando pela satisfação de pequeninas violências e poderes, pela emotividade das propagandas e das publicidades, pelos ídolos do consumismo, e, enfim, pelo progresso tecnológico, hoje já perspectivado em relação ao nascimento e à morte, ao controle genético e à eutanásia.

E se os moralistas clamam pelos valores humanos face à manipulação genética, por exemplo, não seria igualmente necessário denunciar que o «Admirável Mundo Novo» é também o trágico reiterar da consciência axiológica, da mentalidade representativa e manipuladora que reduz o **ser** a valor e que se arma todo inteira — desde a educação à guerra — para fazer valer a razão?

Que «razão» é esta, se não aquela que desequilibra

a totalidade do ser humano, a sensibilidade e as emoções, a inteligência profunda e a vontade, programando, determinando e manipulando gerações sucessivas pelas mesmas alienações aparentemente benévolas da resolução dos problemas vitais pela razão?

Daí que o valor determine os próprios contra-valores e a razão não se abra, neste seu ciclo menor, para uma mutação de consciência, que a aproxime, uma vez mais, do lema evangélico do «não julgueis».

São as bem-aventuranças de uma santidade de vida. De um caminho experiencial, que só os espirituais e os místicos souberam salientar, face aos dogmatismos do que se entende **dever ser**.

É nesse socratismo cristão, é nessa redescoberta de uma maior ignorância, nesse despojamento da cultura, que sempre se encontra, na tradição sapiencial, a compreensão ética do ser humano.

## VALORES E PROGRESSO

*Na civilização técnica, o valor deixa finalmente de ser útil, deixa de ter grande significado como valor. O que interessa são as normas de eficácia, as formas de rentabilidade técnica e produtiva. Até porque essas normas são extraordinariamente mais económicas. É muito mais económico «Um Admirável Mundo Novo», passe a imagem, do que uma moral dispendiosa e em grande parte sempre passadista.*

*Não ponho quaisquer reservas ao progresso tecnológico: ao que ponho reservas é a uma certa mentalidade, a uma certa procura dar satisfação às necessidades materiais e psíquicas, mas não ousa arriscar uma nova inteligência do real.*

*O problema do nosso tempo não é o de «moralizar» o progresso. Não se trata de definir a priori se a tecnologia é boa ou má, mesmo quando nos aterroriza. A questão não pode ser posta de fora; tem de ser posta de dentro, a partir de uma mutação de consciência.*

*Ora a mutação de consciência é, por um lado, muito mais humilde do que a pretensa ordem hierárquica dos valores e, por outro lado, muitíssimo mais radical. Trata-se de viver aquilo que é.*

*Excertos de uma conferência e debate  
«Terraço», GRAAL, Lisboa, 1987*



Publicação bimestral. Assinatura anual: 150\$00; estrangeiro: 400\$00. Directora: Maria Teresa Santa Clara Gomes. Inscrito na DGCI com o n.º 106 032.

Propriedade e administração: GRAAL — Rua Luciano Cordeiro, 24, 6.º-A — 1100 Lisboa. Comp. e impressão: Silvas - Coop. de Trab. Gráficos, cri.